

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF
GRUPO DE ESTUDO HELENISMO
PROFESSOR: MARCUS REIS
ALUNO: WESLEY RÉDUA

TEMA:

**A POSSIBILIDADE DA VERDADE NO DIÁLOGO CONTRA OS
ACADÊMICOS DE AGOSTINHO**

INTRODUÇÃO

A possibilidade da verdade em Agostinho é o objeto da presente pesquisa. Todo o trabalho foi fundamentado no seu primeiro escrito, *Contra os Acadêmicos*. Este foi fruto dos diálogos que realizou com seus companheiros numa casa de campo, em 386, na pequena cidade de Cassiciaco¹.

O catálogo das obras de Agostinho é imenso. Dentre as várias classificações que foram dadas aos seus escritos, existe aquela que é denominada pelos estudiosos de “diálogos filosóficos”. A redação destes diálogos abrangeu um arco temporal de 4 anos (386-390), que trata-se do período filosófico do pensamento de Agostinho, durante o qual aborda os mais variados temas: a verdade, a felicidade, a ordem, a imortalidade e a grandeza da alma, a existência de Deus, a liberdade do homem, o problema do mal, entre outros.² Dentre os escritos que fazem parte destes “diálogos”, pode-se identificar *Contra os Acadêmicos*. Este em três livros: discute ora a relação entre felicidade e conhecimento da verdade, ora a doutrina dos acadêmicos³.

A estrutura dialógica de *Contra os Acadêmicos* revela que Agostinho fundamenta o seu pensamento na força da razão. Ele conserva uma atitude muito positiva diante da razão e mostra o lugar que esta desempenha no conhecimento da verdade. Embora nunca postule a razão como fundamento da verdade, jamais despreza a

¹ Cassiciaco, uma localidade situada a uns 20 km de Milão, hoje identificada pela maioria dos estudiosos com Casciago de Brianza. Cf. Coleção Patrística Ed. Paulus pp. 10

² Coleção Patrística pp.09

³ Os Acadêmicos contra os quais a obra *Contra os Acadêmicos* é endereçada são os expoentes da Academia “nova” ou “cética”

sua função crítica. Nos diálogos agostinianos a razão ocupa um papel central. O ponto de partida da atividade dialógica se encontra em uma atitude de amor à sabedoria.

Como o diálogo *Contra os Acadêmicos* deve se abordar?

“As Retratações de Agostinho fornecem uma chave importante para examinar a estrutura formal, o método e a finalidade dos Diálogos. Nesta obra Agostinho afirma que o Diálogo O Mestre permitiu-lhe concluir que, no ensino da ciência ao homem, só há um mestre: Deus” “ Na mesma época escrevi o livro intitulado O Mestre, no qual de discute (disputatur), se investiga (quaeritur) e se encontra (invenitur) que o mestre não é aquele que ensina ao homem a ciência, mas Deus, segundo está escrito no Evangelho: um só é o vosso mestre, Cristo”⁴

Deste modo a estrutura dialógica de *Contra os Acadêmicos* foi toda analisada conforme os seguintes passos:

1. Disputatio:
 - a. *quaestio*;
 - b. *disputatio*
 - c. *inventio*

Agostinho entendia que o método mais apropriado para a busca do conhecimento, cujo objetivo último é compreender a verdade, é interrogando e respondendo, isto é, a *quaestio*. Ele afirma “*De fato não há melhor modo de procurar a verdade senão interrogando e respondendo...*”⁵ e “*Buscamos a verdade com a razão, por meio de perguntas e respostas.*”⁶. Além do questionamento, Agostinho acreditava que a disputa (*disputatio*) é o meio fundamental para aferir a consistência dos raciocínios. “*Dentro da disputa entra em cena o procedimento dialético que coloca em movimento todo o debate.*”⁷. Por fim, chega-se ao último estágio da estrutura dialógica que é a descoberta (*inventio*), aqui o debate é colocado a termo.

Comentando sobre a estrutura e o método agostiniano dos diálogos, Bento Silva Santos diz:

⁴ Coleção Patrística pp.15

⁵ AGOSTINHO, Sololóquios, II,VII,14

⁶ AGOSTINHO, A Grandeza da Alma, XXVI, 51.

⁷ Coleção Patrística pp.18

“Este procedimento não exclui absolutamente o trabalho da razão nem o movimento lógico das idéias, mas o método agostiniano de busca incorpora paulatinamente tanto o ‘intelligo ut credam’ (compreendo para crer) como o ‘credo ut intelligam’ (creio para compreender).”⁸

Com todos os elementos, acima mencionados, em evidência, pode-se aproximar mais facilmente do diálogo *Contra os Acadêmicos*.

AGOSTINHO E O PROBLEMA DA VERDADE

Em todo o diálogo Agostinho vai provar e demonstrar como é possível ter a posse da verdade. Todo seu argumento, sobre este tema epistemológico, se dá em face do ceticismo da “nova” academia. Sobre a academia Agostinho diz:

“agirei de boa-fé, pois tens direito de exigí-lo. Os acadêmicos afirmavam que o homem não pode alcançar a ciência das coisas referentes à filosofia – Carnéades recusava ocupar-se de qualquer outra coisa – mas que pode ser sábio e que todo o dever do sábio, como tu mesmo, Licêncio, o expuseste naquela discussão, consiste na busca da verdade. Daqui resulta que o sábio não deve dar assentimento a nada, pois necessariamente erraria, o que para um sábio é um crime, se desse seu assentimento a coisas incertas. Não se limitavam a afirmar que tudo é incerto, mas também apoiavam sua tese com numerosos argumentos. Parece que tiraram sua doutrina de que a verdade é inacessível de uma definição do estóico Zenão, segundo a qual só pode ser percebida como verdadeira uma representação que é impressa de tal modo na alma pelo objeto de onde se origina que não pode sê-lo por um objeto onde não se origina. Ou mais claramente: o verdadeiro pode ser conhecido por certos sinais que o falso não pode ter. os acadêmicos empenharam-se com todas as forças em demonstrar que esses sinais não podem encontrar-se jamais.”⁹

Ainda sobre a “nova” academia, Agostinho diz:

“[...] Parece-me que a dissidência que deu origem á nova Academia não se dirigia tanto contra a doutrina antiga como contra os estóicos [...] Todavia não introduziram nas escolas a discussão dessa questão nem pesquisaram especificamente se era ou não possível conhecer a verdade. Este foi o novo problema bruscamente lançado por Zenão, afirmando que só se podia conhecer aquilo que de tal modo é verdadeiro que se distingue do falso por marcas de dessemelhança...”¹⁰

EPITEMOLOGIAS: ESTÓCIOS E CÉTICOS

Para compreender melhor como Agostinho apresenta a querela da escola acadêmica, isto é, de um lado *Zenão, estóico*, e de outro Carnéades, cético e expoente da “nova” academia.

⁸ Apud: Coleção Patrística pp.19

⁹ II,V,11

¹⁰ II,VI,14

- EPISTEMOLOGIA: ZENÃO DE CÍTIO
 - Alma: tabula rasa;
 - Representação: critério de verdade;
 - Sensação (aisthesis): base do conhecimento;

A sensação é promotora de impressão, esta que nada mais é provocação que os objetos fazem sobre os órgãos sensoriais. Uma vez que a sensação produz a impressão, esta vai para a alma (razão) e gera uma representação. Qual é o critério que pode-se classificar as representações em verdadeiras ou falsas?

- Representação verdadeira
 - Sentir
 - Assentir, consentir; aprovar; (advém da razão)
 - Apreensão (katalepsis)
 - Representação com assentimento = representação cataléptica.
- EPISTEMOLOGIA: CARNÉADES
 - Os sentidos não podem oferecer garantia de verdade;
 - A representação enquanto representação não pode ser critério de verdade;
 - As representações verdadeiras e falsas não diferem entre si enquanto representações;
 - A razão não oferece garantia de verdade, porque dela deriva a representação e dela depende;
 - Atitude correta: suspender o juízo (epoché);
 - Doutrina do provável/verossímil;

Para Carnéades não é possível ter a verdade, mas a probabilidade dela. Este é o grande problema que Agostinho vai refutar no diálogo *Contra os Acadêmicos*.

O PROBLEMA POSTO POR AGOSTINHO

Quem é o sábio, aquele que busca a verdade ou aquele que encontrou a verdade?

CRÍTICA AO CONCEITO ACADÊMICO DE SÁBIO

Agostinho interessado em resolver o problema proposto, procurará demonstrar a irrazoabilidade da figura do sábio, que os “novos” Acadêmicos propunham.

O SÁBIO PARA AGOSTINHO

O sábio é aquele que tem a posse da verdade, por isso ele é perfeito e feliz. Perfeito é aquele que encontrou a verdade. Feliz é aquele que vive segundo as disposições da razão. Deste modo quem ainda busca a verdade, ainda não a encontrou, quem não a encontrou não é perfeito, e quem não é perfeito não pode ser feliz, porque ainda está no erro. Errar é procurar sem jamais encontrar.

O SÁBIO PARA OS ACADÊMICOS

O sábio é aquele que tem a possibilidade de conhecer a verdade. Ele deseja a sabedoria, a verdade, mas não tem certeza de possuí-la, porque ela não dá assentimento a nada, pois o verdadeiro pode ser tomado como falso, e o falso como verdadeiro. Mas ele, ainda assim, é feliz, porque consegue viver segundo as disposições da razão:

“[...] Finalmente, se todo homem é necessariamente feliz ou infeliz, não será loucura chamar infeliz aquele que dia e noite com todo o afinco procura a verdade? Logo é feliz. Além disso, creio que a nossa definição confirma a minha opinião, pois se é feliz, como de fato é, quem vive segundo aquela parte da alma que deve governar as outras e esta parte se chama razão, pergunto: não vive segundo a razão quem com perfeição busca a verdade? [...]”¹¹

IRRAZOABILIDADE DA DESCRIÇÃO ACADÊMICA DE SÁBIO

No conceito agostiniano e Acadêmico de sábio há um ponto de intercessão: o sábio “possui” a disciplina, isto é, a sabedoria. Agostinho entende que o sábio conhece a verdade. O Acadêmico entende que o sábio tem a sabedoria de probabilidades encontradas, ou seja, parece que ele conhece a verdade. *“A única diferença entre o sábio e o aspirante à sabedoria é que as coisas que o sábio possui como certo hábito, o aspirante à sabedoria só as tem em desejo.”*¹²

Para criticar o conceito de sábio dos Acadêmicos, Agostinho diz que: todo sábio tem disciplina, ou seja, *“ninguém pode possuir ânimo de disciplina sem nada ter*

¹¹ I,III,10

¹² III,III,5

aprendido e nada aprender quem nada sabe e, além disso, ninguém pode conhecer o falso, segue-se que o sábio [...], conhece a verdade.¹³”

Todo sábio, em última análise, possui a sabedoria. Agostinho sustenta que não pode haver sabedoria do verdadeiro e do falso, ou seja, “*não pode haver ciência de coisas falsas.*”. Apelando para a razão o pensador africano faz a seguinte pergunta para seu interlocutor:

“[...]achas que o sábio conhece a sabedoria, ou achas que não?[...]”

- Se há um sábio como o apresenta a razão, respondeu Alípio, posso crer que ele conhece a sabedoria.

- Portanto, respondi, a razão te apresenta um sábio que não ignora a sabedoria. Até aqui respondestes perfeitamente, pois nem poderias ter outra opinião.

Agora te pergunto se é possível encontrar um sábio. Em caso afirmativo, ele também pode conhecer a sabedoria, e toda a questão entre nós está resolvida. Se, ao contrário, disseres que não se pode encontrar um sábio, já não perguntaremos se o sábio sabe alguma coisa, mas se alguém pode ser sábio. Assentado isso, deixemos de lado os Acadêmicos e discutamos entre nós com todo afincamento e cautela possíveis. Pois os Acadêmicos julgavam, ou antes, opinavam que o homem pode ser sábio, mas que não é dado ao homem o conhecimento. Por isso afirmaram que o sábio nada conhece. Tu, porém. Achas que o sábio conhece a sabedoria, o que evidentemente não é não saber nada. Ao mesmo tempo concordamos, como todos os antigos e os próprios Acadêmicos, que ninguém pode ter conhecimento de coisas falsas. Donde se segue que deves afirmar que a sabedoria nada é ou admitir que o sábio descrito pelos Acadêmicos não é o sábio apresentado pela razão [...]¹⁴

CRÍTICA A DOUTRINA ACADÊMICA DO VEROSSÍMIL

Agostinho questiona a doutrina da possibilidade/verossímil com a seguinte ilustração:

“Presta atenção ao seguinte: se alguém, ao ver teu irmão, afirma que ele é semelhante ao teu pai, que não conhece não te parece que tal pessoa é louca ou tola?”¹⁵

O que Agostinho quer demonstrar neste exemplo é a inconsistência do modo como os céticos aplicam sua doutrina de probabilidade, isto é, como eles podem afirmar que algo é verossímil ou inverossímil se não conhecem a verdade?

Desenvolvendo mais sua linha de refutação de Agostinho, segue um trecho do diálogo:

Licêncio: - Estou pronto em quanto posso. Pois bem, se o homem que viu meu irmão soube por ouvir dizer que ele é parecido com o pai, pode ser considerado louco ou tolo, se acreditar?
- Mas pelo menos pode ser considerado insensato? – perguntei

¹³ III,III,5

¹⁴ III,V11

¹⁵ II,VII,16

Licêncio: - Não, desde que não afirme sabe-lo. Pois se considera provável o que ouviu repetir, não pode ser acusado de temeridade.

Continuei: - Examinemos um pouco a questão em si mesmo e representemo-la aqui diante dos nossos olhos. Suponhamos que o tal homem de que falamos está presente aqui. Aparece teu irmão. Nosso homem indaga

- De quem é filho este rapaz?

- De certo Romaniano, respondem-lhe.

- Como é parecido com o pai! Exclama o homem. Era verdade o que bem me dissera.

Então tu ou algum outro pergunta:

- Então conheces Romaniano?

Responde o homem:

- Não o conheço, mas parece-me que seu filho é parecido com ele.

Poderá alguém conter o riso diante disso? Licêncio:

- Certamente que não.

- Logo, já vêes a consequência que daqui se segue, continuei.

Licêncio: - Já faz tempo que a vejo. Todavia gostaria de ouvir de ti a conclusão, pois é necessário que comeces a alimentar a quem aprisionaste.

Respondi eu: - Porque não o faria eu? A própria evidência clama que de maneira semelhante devemos rir dos teus Acadêmicos que afirmam seguir na vida o que se assemelha à verdade, quando ignoram a própria verdade.

O pensador africano arremata a sua refutação ao sistema de probabilidades de Carnéades dizendo: *“Tais são, respondi, aqueles que dizem: não conhecemos a verdade, mas o que vemos é semelhante ao que não conhecemos.”*¹⁶

Cumprе ressaltar o entendimento de provável ou verossímil para os Acadêmicos: *“ Os Acadêmicos chamam provável ou verossímil o que nos pode mover a agir sem assentimento. quando digo assentimento, quero dizer de tal modo que sem ter por verdadeiro o que fazemos e julgando ignorar a verdade, não deixamos de agir.”*¹⁷

Demonstrando a inconsistência da doutrina da probabilidade/verossímil, por fim, Agostinho afirma ser um absurdo sustentar que alguém segue o verossímil quando ignora a verdade.

A SENSACÃO COMO MEIO DE CONHECIMENTO

CONCLUSÃO PARCIAL:

Na busca de resolver o problema sobre possibilidade de apreender a verdade, Agostinho deixa evidente que a verdade existe e que pode ser encontrada, se valendo, notadamente, de uma concepção estoica de apreensão das coisas que se põe diante do ser humano. Parcialmente pode-se dizer que é possível ter a verdade, mas o modo como se chega a esta, ficará para as pesquisas posteriores.

¹⁶ II,VIII,20

¹⁷ II,XI,26